

## Carlos Drummond de Andrade: O padre e a moça

### O PADRE, A MOÇA

1. O padre furtou a moça, fugiu  
Pedras caem no padre, deslizam.  
A moça grudou no padre, vira sombra,  
aragem matinal soprando no padre.  
Ninguém prende aqueles dois,  
aquele um  
negro amor de rendas brancas.  
Lá vai o padre,  
atravessa o Piauí, lá vai o padre,  
bispos correm atrás, lá vai o padre,  
lá vai o padre, a maldição monta cavalos telegráficos,  
lá vai o padre lá vai o padre, lá vai o padre,  
diabo em forma de gente, sagrado.

Na capela ficou a ausência do padre  
e celebra a missa dentro do arcaz.  
Longe o padre vai celebrando vai cantando  
todo amor é o amor e ninguém sabe  
onde Deus acaba e recomeça.

2. Forças volantes atacam o padre, quem disse  
que exércitos vencem o padre? patrulhas  
rendem-se.  
O helicóptero  
desenha no ar o triângulo santíssimo,  
o padre recebe bênçãos animais, ternos relâmpagos  
douram a face da moça.  
E no alto da serra  
o padre  
entre as cordas da chuva  
o padre  
no arcano da moça  
o padre.

Vamos cercá-los, gente, em Goiás  
Quem sabe se em Pernambuco?  
Desceu o Tocantins, foi visto em Macapá Corumbá Jaraguá Pelotas  
em pé no caminho da BR 15 com seu rosário  
na mão  
lá vai o padre  
lá vai  
e a moça vai dentro dele, é reza de padre.

Ai que não podemos  
contra vossos poderes  
guerrear  
ai que não ousamos  
contra vossos mistérios  
debater  
ai que de todo não sentimos  
contra vosso pecado  
o fecundo terror da religião.

Perdoai-nos, padre, porque vos perseguimos.

3. E o padre não perdoa: lá vai  
levando o Cristo e o Crime no alforje  
e deixa marcas de sola de poeira.  
Chagas se fecham, tocando-as,  
filhos resultam de ventre estéril  
mudos e árvores falam  
tudo é testemunho.  
Só um anjo de asas secas, voando de Crateús,  
senta-se à beira-estrada e chora  
porque Deus tomou o partido do padre.

Em cem léguas de sertão  
é tudo estalar de joelhos  
no chão  
é tudo implorar ao padre  
que não leve outras meninas  
para seu negro destino  
ou que leve tão leve  
que ninguém lhes sinta falta,  
amortalhadas, dispersas  
na escuridão da batina.

Quem tem sua filha moça  
padece muito vexame;  
contempla-se numa poça  
de fel em cerca de arame.

Mas se foi Deus quem mandou?  
Anhos imolados  
não por sete alvas espadas  
mas por um dardo do céu:  
que se libere esta presa  
à sublime natureza  
de Deus com fome de moça.  
Padre, levai nossas filhas!

O vosso amor, padre, queima  
como fogo de coivara  
não saberia queimar.  
E o padre, sem se render  
ao ofertório das virgens,  
lá vai, coisa preta no ar.

Onde pousa o padre  
é Amor-de-Padre  
onde bebe o padre  
é Beijo-de-Padre  
onde dorme o padre  
é Noite-de-Padre  
mil lugares-padre  
ungem o Brasil  
mapa vela acesa.

4. Mas o padre entristece. Tudo engoiva  
em redor. Não, Deus é astúcia,  
e para maior pena, maior pompa.  
Deus é espinho. E está fincado  
No ponto mais suave deste amor.

Se toda a natureza vem a bodas,  
e os homens se prosternam,  
e a lei perde o sumo, o padre sabe  
o que não sabemos nunca, o padre esgota  
o amor humano.

A moça beija a febre do seu rosto.  
há um gládio brilhando na alta nuvem  
que eram só carneirinhos há um instante.  
– Padre, me roubaste a donzelice  
ou fui eu que te dei o que era dável?  
Não fui eu quem te amei como se ama  
Aquilo que é sublime e vem trazer-me,  
rendido,  
o que eu não merecia mas amava?  
Padre, sou teu pecado, tua angústia?  
Tua alma se escraviza à tua escrava?  
És meu prisioneiro, estás fechado  
em meu cofre de gozo e de extermínio,  
e queres liberar-te? Padre, fala!  
Ou antes, cala. Padre, não me digas  
que no teu peito amor guerreia amor,  
e que não escolheste para sempre.

5. Que repórteres são esses  
entrevistando um silêncio?  
*O Correio, Globo, Estado*  
*Manchete, France-Presse, telef*  
otografando o invisível?  
Quem alça  
a cabeça pensa  
e nas pupilas rastreia  
uma luz de danação,  
uma luz fosforescente  
responde não?  
Quem roga ao padre que pose  
e o padre posa e não sente  
que está posando  
entre secas oliveiras  
de um jardim onde não chega  
o retintim deste mundo?  
E que vale uma entrevista  
se o que não alcança a vista  
nem a razão apreende  
é a verdadeira notícia?

6. É meia-treva, e o Príncipe baixando  
entre cactos  
sem mover palavra fita o padre  
na menina-dos-olhos ensombrada.  
A um breve clarear,  
o Príncipe, em toda sua púrpura  
como só merecem defrontá-lo  
os que ousam um dia. Os dois se medem  
na paisagem de couro e ossos  
estudando-se.  
O que um não diz outro pressente.  
Nem desafio nem malícia  
nem arrogância ou medo encorajado:  
o surdo entendimento dos poderes.

O padre já não pode ser tentado.

Há um solene torpor no tempo morto,  
e, para além do pecado,  
uma zona em que o ato é duramente  
ato.  
Em toda a sua púrpura  
o Príncipe desintegra-se no ar.

7. Quando lhe falta o demônio  
e Deus não o socorre;  
quando o homem é apenas homem  
por si mesmo limitado,  
em si mesmo refletido;  
e flutua  
vazio de julgamento  
no espaço sem raízes;  
e perde o eco  
de seu passado,  
a campainha de seu presente,  
a semente de seu futuro;  
quando está propriamente nu:  
e o jogo, feito  
até a última cartada da última jogada.  
Quando. Quando.  
Quando.

8. Ao relento, no sílex da noite,  
os corpos entrançados transfundidos  
sorvem o mesmo sono de raízes  
e é como se de sempre se soubessem  
uma unidade errante a convocar-se  
e a diluir-se mudamente  
Mas de rompante a mão do padre sente  
o vazio do ar onde boiava  
a confiada morna ondulação.  
A moça, madrugada, não existe.  
O padre agarra a ausência e eis que um soluço  
humano, desumano e longiperto  
trespassa a noitidão a céu aberto.

A chama galopante vai cobrindo  
um tinido de freios mastigados  
e de patas ferradas,  
e em sete freguesias  
passa e repassa a grande mula aflita.

Urro  
de fera  
fúria  
de burrinha  
grito  
de remorso  
choro de criança ?

Por que Deus se diverte castigando?  
Por que degrada o amor sem destruí-lo?  
e a cabeça da mula sem cabeça  
ainda é o rosto de amor, onde sem sigilo  
a ternura defesa vai flutuando?

Um rosto de besta  
entre as ciências do padre  
entre as poderosas rezas do padre

nenhuma para resgatá-lo.

Resta deitar a febre na pedra  
e aguardar  
o terceiro canto do galo.

No barro vermelho da alva  
a mão descobre  
o dormir de moça misturado  
ao dormir de padre.

9. E já sem rumo prosseguem  
na descrença de pousar,  
clandestinos de navio  
que deitou âncora no ar.

Já não se curvam fiéis  
vendo réprobo passar,  
mas antes dedos em sustos  
implantam a cruz no ar

A moça, o padre se fartam  
da própria gula de amar  
O amor se vinga, consome-os,  
laranja cortada no ar.

Ao fim da rota poeirenta  
ouve-se a igreja cantar.  
Mas cerraram-se-lhe as portas  
e o sino entristece no ar.

O senhor bispo, chamado  
com voz rouca de implorar,  
trancou-se na sua Roma  
de rocha, castelo de ar.

Entre pecado e pecado  
há muito de epilogar.  
Que venha o padre sozinho,  
o resto se esfume no ar.

Padre e moça de tão juntos  
não sabem se separar.  
Passa o tempo no *distinguo*  
entre duas nuvens no ar.

10. E de tanto fugir já fogem não dos outros  
mas de sua mesma fuga a distraí-los.  
Para mais longe, aonde não chegue  
a ambição de chegar:  
área vazia  
no espaço vazio  
sem uma linha  
uma coroa  
um D.

A gruta é grande  
e chama por todos os ecos  
organizados.

A gruta nem é negra  
de tantos negrumes que se fundem  
nos ângulos agudos:  
a gruta é branca, e chama.

Entram curvos, como numa igreja  
feita para fiéis ajoelhados.  
Entram baixos  
terreais  
na posição dos mortos, quase.  
A gruta é funda  
a gruta é mais extensa do que a gruta  
o padre sente a gruta e o padre invade  
a moça  
a gruta se esparrama  
sobre o musgo, o calcário, o úmido medo  
à maneira católica do sono.

Primas de luz primeira despertando  
de uma dobra qualquer de rocha mansa.  
Cantar angélico subindo  
em meio a cega fauna cavernícola  
e dizendo de céus mais que cristãos  
sobre o musgo, o calcário, o úmido medo  
da condição vivente.

Que perdão mais solene se humaniza  
e chega à provação e paira em benção?  
Que festiva paixão lança seu carro  
de ouro e glória imperial para levá-los  
à presença de Deus feita sorriso?  
Que fumo de suave sacrifício  
lhes afaga as narinas?  
Que santidade súbita lhes corta  
a respiração, com visitá-los?  
Que esvair-se de males, que desfal  
cimentos teresinos?  
Que sensação de vida triunfante  
no empalidecer de humano sopro contingente?

Fora  
ao crepitar da lenha pura  
e medindo das chamas o declínio,  
eis que perseguidores se perseguiam.

**Carlos Drummond de Andrade**

In: Poesia Completa - Carlos Drummond de Andrade  
*Lição de Coisas*  
Editora Nova Aguilar 2007  
p. 462-0